



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**O BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO E SEU
HUMANISMO**

Francisco das Chagas de Souza

Ensaio APB, n.38

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**O BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO E SEU
HUMANISMO**

Francisco das Chagas de Souza

Ensaio APB, n.38

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

O BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO E SEU HUMANISMO

Francisco das Chagas de Souza

Ensaio APB, n. 38

**São Paulo
Janeiro
1997**

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibitiporã - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)
- MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 1995. (Ensaio APB, 19)
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 1995. (Ensaio APB, 20)
- FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 1995. (Ensaio APB, 21)
- FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 1995. (Ensaio APB, 22)
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 1995. (Ensaio APB, 23)
- SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 1995. (Ensaio APB, 24)
- VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 1995. (Ensaio APB, 25)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 1996. (Ensaio APB, 26)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 1996. (Ensaio APB, 27)
- SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 1996. (Ensaio APB, 28)
- MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 1996. (Ensaio APB, 29)
- BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 1996. (Ensaio APB, 30)
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 1996. (Ensaio APB, 31)
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 1996. (Ensaio APB, 32)
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 1996. (Ensaio APB, 33)
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 1996. (Ensaio APB, 34)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 1996. (Ensaio APB, 35)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 1996. (Ensaio APB, 36)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 1996. (Ensaio APB, 37)
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 1997. (Ensaio APB, 38)

O BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO E SEU HUMANISMO

*Francisco das Chagas de Souza**

Em outubro de 1995 os bibliotecários atuantes em Santa Catarina realizaram, através da promoção da Associação Catarinense de Bibliotecários, o 14º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, como o fazem anualmente.

Sob o tema *Capacitação Profissional para o próximo milênio* formaram-se 3 Grupos de Trabalho para discutir, durante 13 horas, os tópicos *Perfil dos serviços necessários ao mercado de informação em Santa Catarina nos próximos 10 anos* e *Perfil do profissional para o mercado futuro*.

Resultou deste trabalho de estudo em grupo uma série de recomendações para a categoria bibliotecária, alcançando tanto o segmento técnico-executivo quanto o segmento educacional.

No que toca a este último, a Assembléia foi clara ao indicar uma diretriz lúcida. Afirmou: *O tecnicismo se reduzirá dando lugar mais amplo ao saber humanístico, aproximando o Bibliotecário de seu público alvo. O profissional irá adquirir uma*

* Bibliotecário. Doutor em Educação. Professor Adjunto do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Caixa Postal 5121, CEP 88040-900. e-mail: souza@prodau-sc.com.br

bagagem de conhecimentos diversos, que o habilitará a trabalhar com públicos e realidades distintas (Relatório Geral do 14º PBSC, p. 95).

Até aí parece que não há novidade no horizonte, especialmente se for levado em consideração a sugestão da Assembléia sobre como se abrirá o espaço mais amplo ao saber humanístico. Afirma: *A sugestão dos Grupos de Trabalho é que sejam reformuladas e/ ou incluídas, no currículo mínimo de Biblioteconomia, as seguintes disciplinas de conteúdo humanístico: Psicologia Social, Psicologia da Educação, Psicologia das Relações Humanas, Lógica, Filosofia, Política, Evolução do Pensamento Científico, História Geral, Lingüística e História da Literatura (idem).*

Como a Assembléia entendeu adequado, este encaminhamento foi feito com o reforço de que *Os conteúdos devem ser ministrados de forma mais motivadora, visando satisfazer também as necessidades mercadológicas, que estão em constante mudança, de acordo com as transformações sociais que ocorrem mundialmente (idem).*

Lendo detidamente os encaminhamentos e afirmações ali feitos torna-se perceptível que se cobra mais da escola de biblioteconomia, não tanto por um outro currículo diferente do que aí está mas, sobretudo, por um ensino novo (“ministração motivadora”). Isto representa um deslocamento de cobrança de responsabilidade e é dirigida para os bibliotecários que, saindo do segmento técnico-executivo, foram atuar no segmento educacional. Com isso, se lhes exige que se tornem docentes eficazes. Docentes capazes de compreender a dimensão de um projeto pedagógico e de um processo de ensino que produza as novas atitudes, comportamentos e posturas profissionais exigidos por um contexto novo.

Esta perspectiva então manifestada de ver produzir e de se ver produzido sob processos operadores de motivação e de dinamização, não é nova na biblioteconomia e se coloca recorrentemente como a forma de assegurar uma atuação que pode levar à produção do humanismo. Isto é, o conhecimento humanístico seria o conhecimento que

poderia levar o bibliotecário, fundamentadamente, a praticar o humanismo. Onde está isto na biblioteconomia?

Butler, por exemplo, na sua *Introdução à Biblioteconomia*, publicada pela primeira vez em 1933, ao tratar do caráter científico do conhecimento, afirma em certo momento: *Desde que toda ciência se ocupa somente do conhecimento, a biblioteconomia, em particular só pode abraçar o lado racional do fenômeno fundamental da profissão de bibliotecário, que é a transmissão da experiência acumulada pela sociedade, a cada um de seus membros, através da instrumentalidade do livro. Esta transmissão tem outros aspectos que jamais serão assimilados pela ciência.* (grifei) (Butler, p. 60) Destaque-se que “estes outros aspectos” mencionados, são aspectos “irracionais”, ou seja, intuitivos, estéticos, comportamentais, por exemplo. Por não serem então tidos como científicos, o autor não os aborda em sua obra. Por coerência, ele deixa claro à página 61 que se limitará a tratar da biblioteconomia não expondo em momento algum, com detalhe, o aspecto humanista da profissão de bibliotecário. Ora, o que isso quer dizer?

Dentre algumas conclusões que se pode tirar da análise de Butler uma está muito clara: a Biblioteconomia, por almejar o estatuto científico, ou detendo este estatuto de ciência, é o conjunto das técnicas que permitem a transmissão do conhecimento contido em *formas-livro*** (que neste final de século inclui, entre outros, livro impresso, CD, FTP, WWW, disquetes). Assim sendo, o humanismo não lhe seria inerente pois estaria além da racionalidade e, precisamente, no âmbito das relações pessoais subjetivas. O humanismo dar-se-ia no exercício da prática profissional bibliotecária. Ora, objetivamente, esta visão justificaria o fato da escola de biblioteconomia ensinar majoritariamente as técnicas e, só complementarmente, ensinar a cultura geral mais ampla. Pois nesta concepção, que continua dominante, são as técnicas que representam o conhecimento científico e formam cientificamente o profissional racionalista, pragmatista e instrumentalista (termos usados várias vezes pelo autor) enquanto o conhecimento geral, humanista, permitiria tão

** Comecei a construir este conceito “formas-livro” no meu texto *Formação de bibliotecários para a invenção*, ainda inédito.

somente a este *cientista* o polimento para abrir espaço de atuação na sociedade. Usando uma imagem material-concreta pode-se dizer que as técnicas representariam tijolos para os quais o elemento de agregação, o cimento, será o conhecimento humanista.

Ao longo do texto de Butler se encontra a argumentação em torno de uma Biblioteconomia ciência que deve se inserir na sociedade a partir do conhecimento da Sociologia, da História e da Psicologia, também detido por seus praticantes. Neste sentido, é que chama a atenção dos bibliotecários de que é nestas áreas, embora sem a racionalidade da ciência, onde está a base de sustentação do exercício profissional.

Como se vê, poder-se-ia dizer que, em Butler, está a origem do discurso dos bibliotecários reunidos naquele 14º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina. No entanto, este mesmo pensamento é recorrente em vários outros textos e não seria preciso ir muito longe para poder-se afirmar a razão disto.

Buscando Fonseca, em seu *Introdução à Biblioteconomia* (p. 16), vê-se que, quando procura situar a Biblioteconomia no quadro geral dos conhecimentos, fala de uma noção pragmatista de biblioteconomia a partir de sua caracterização fenomênica de corte não filosófico. Do mesmo modo que este autor, vários outros como Butler, Mukherjee e autores por ele revistos como Joeckel, Nitecki, Foskett, também vêem esta mesma biblioteconomia pragmatista, com o humanismo se dando muito além, apenas embutido no exercício da profissão de bibliotecário.

Um estudo mais amplo, que represente uma extensa revisão de literatura, envolvendo o discurso do bibliotecário, que possa ser feito tomando o ARIST como referência, por exemplo, não diria de forma diferente. A biblioteconomia é uma ciência pragmatista, racionalista, instrumentalista e eficientista.

Antes de se buscar conhecer o que alguns desses termos significam não seria demais dar-se uma olhada no conceito de Humanismo, termo do qual deriva Humanístico. Para

adotar um texto já fixado na literatura de referência, buscou-se Japiassu e Marcondes, os quais, após uma consideração histórica, afirmam: *Por uma espécie de deslocamento, o termo "humanismo" tomou dois sentidos particulares: a) na filosofia, designa toda doutrina que situa o homem no centro de sua reflexão e se propõe por objetivo procurar os meios de sua realização; b) na linguagem universitária, designa a idéia segundo a qual toda formação sólida repousa na cultura clássica (chamada de humanidades). Numa palavra, o humanismo é a atitude filosófica que faz do homem o valor supremo e que vê nele a medida de todas as coisas (p. 123-124). (grifei)*

Vem daí então uma explicação fundamental para esses discursos bibliotecários desde Butler e de todos os demais, chegando aos bibliotecários de Santa Catarina. Nestes discursos o humanismo vem de uma atitude filosófica utilitarista e instrumentalista daqueles que exercem a biblioteconomia. No caso de Butler, é o servir à comunidade, no caso dos bibliotecários de Santa Catarina é servir às "necessidades mercadológicas", nos outros casos por motivos não diferentes destes, mas para além destes, são, por exemplo, "ideais democráticos" como em Mukherjee quando afirma *O mundo atual está sendo orientado por ideais democráticos, segundo os quais a sociedade, como um todo, tem responsabilidade e obrigação contínuas para suprir as necessidades dos indivíduos* (p. 21). (grifei)

A partir de tudo isso, pode-se começar a discutir mais amplamente sobre o Humanismo do Bibliotecário brasileiro.

Como ponto de partida, vou partir da premissa de que pode-se dizer, em geral, que uma categoria profissional ao estabelecer seu Código de Ética Profissional expõe o seu projeto humanista, isto é, até que ponto tal categoria profissional se compromete com o homem /mulher, adulto / criança ao qual irá servir na sociedade. Nesse Código são estabelecidas as obrigações sociais e as interdições que sujeitam cada membro da profissão. É, portanto, um lugar privilegiado para se conhecer que humanismo é pregado.

Neste ensaio não me deterei, com profundidade, na análise de todo o texto do Código de Ética Profissional do Bibliotecário brasileiro ora vigente, porém, mais especificamente, tentarei compreender o seu artigo 3º, letra *a*. Nele está dito que *Cumpro ao profissional de Biblioteconomia, preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana* (grifei). Da formulação surgem várias perguntas:

- a) Existe um profissional de biblioteconomia? Eis uma boa discussão!
- b) Admitindo-se que exista este profissional ele apenas deverá preservar as feições liberal e humanista da profissão? Não precisa pô-la em exercício?
- c) Essa preservação significa um compromisso prático efetivo com a sociedade?
- d) Mas se tal preservação tem o sentido de preservar o que parece ser (cunho, caráter, feição) como se sabe se está sendo preservado o que deve ser?

Apesar de ter levantado tais questões não me fixarei, neste momento, no tratamento delas, pois o que interessa mais amplamente é o sentido da formulação apresentada pelo Código de Ética Profissional do Bibliotecário acima destacada, naquilo que tem de essencial.

Diz o trecho transcrito que a profissão de bibliotecário parece ser liberal e parece ser humanista. Eis o objeto da discussão e eis que é extremamente confuso e gerador de confusão. Um exemplo: em várias solenidades de colação de grau de Bacharel em Biblioteconomia, em seus juramentos, os formandos recitam o artigo 3º, letra *a*, muitas vezes afirmando um "*prometo preservar o cunho literal e humanista...*". As razões desse *literal* (um evidente ato falho) poderiam ser explicadas pela Psicanálise, no entanto resultam provavelmente de um ensino que não está enfatizando o claro sentido, a clara origem e a tradição da biblioteconomia americanista que adotou-se nas escolas brasileiras, pela sua ideologia, seu racionalismo, pragmatismo, utilitarismo e eficientismo.

Sabe-se que a biblioteconomia moderna é uma criação americana. Sabe-se que Melvil Dewey foi seu principal formulador, tendo desenvolvido uma sistematização da prática nas últimas décadas do século passado, criando publicações técnicas como o *Library Journal*, instrumentos profissionais como a CDD, textos didáticos com as *Notas Biblioteconômicas* e entidade profissional como a *American Library Association - ALA*. Sabe-se que no momento em que isto se dava a realidade americana estava oferecendo as bases concretas para a formulação da primeira grande contribuição filosófica americana para a humanidade a partir do pensamento de William James, Charles Pierce, George Mead e John Dewey, com desdobramento na Inglaterra através de Ferdinand Schiller; na Itália com Giovanni Papini, Giuseppe Prezzolini, Giovanni Vailati e Mario Calderoni; na Alemanha com Hans Vaihinger e na Espanha com Miguel de Unamuno (Reali e Antiseri). Sabe-se também que esta contribuição resultou no chamado Pragmatismo filosófico. Sabe-se ainda que desta Escola derivou uma outra chamada de Instrumentalismo, criada por John Dewey, embora não diferisse fundamentalmente do Pragmatismo do qual este filósofo e educador fez parte.

Tais escolas ou concepções filosóficas corriam e correm em trilhos liberais, como tudo o mais que se tornou e se torna dominante nos Estados Unidos. Para se compreender melhor, é preciso dizer o que é ser liberal quando hoje a moda é ser *neoliberal* ou liberal de novo, ou melhor ainda, ser contrário à perspectiva do estado provedor de assistência e provedor de políticas e ações igualitaristas.

Pode-se dizer que ser liberal é ser seguidor do Liberalismo. Na análise de Japiassu e Marcondes o Liberalismo é explicado por duas vertentes: a vertente política e a econômica. Dizem: *1. O liberalismo político considera a vontade individual como fundamento das relações sociais, defendendo portanto as liberdades individuais (...) em relação ao poder do Estado que deve ser limitado (...); 2. O liberalismo econômico (...) considera que existem leis inerentes ao próprio processo econômico (...) que estabelecem o equilíbrio entre a produção, a distribuição e o consumo de bens em uma sociedade, sendo que o Estado não deve interferir na economia, mas apenas garantir a livre*

iniciativa e a propriedade privada dos meios de produção. O liberalismo econômico defende assim a chamada "economia de mercado" (p. 151).

Pragmatistas e instrumentalistas ao serem liberais situavam-se e situam-se como um certo tipo de sujeito político e econômico que vê suas ações como indivíduos, sendo a sua existência resultado da capacidade de tomar iniciativas quanto ao futuro, independentemente de Estado e de iniciativas políticas coletivas.

Entretanto, e aí afunila-se esta análise, é do interior da Escola filosófica Pragmática que vai surgir, através de Ferdinand Schiller, a adoção do nome Humanismo para o mesmo conceito ou conteúdo do Pragmatismo (cf. Hessen, p. 51 e Reale e Antiseri, p. 499).

Mas o que funda o Pragmatismo? Conforme a leitura de Hessen, o Pragmatismo afirma que *O intelecto é dado ao homem, não para investigar e conhecer a verdade, mas sim para orientar-se na realidade. O conhecimento humano recebe o seu sentido e o seu valor deste destino prático. (...) Segundo ele, o juízo "a vontade humana é livre" é verdadeiro porque — e enquanto resulta — útil e proveitoso para a vida humana e, em particular, para a vida social*" (p. 51). Na leitura mais particular de Schiller, feita por Reale e Antiseri, encontra-se: *Persuadido, com Protágoras***, de que o homem é a medida de todas as coisas, Schiller sustenta que os gostos e as apreciações de cada indivíduo encontram na sociedade um filtro seletivo: também neste caso são a utilidade e a eficiência que determinam a sua aceitabilidade*" (p. 499). (grifei) Em síntese, encontra-se que ser esse Humanista resulta de ser um pragmático, utilitarista, instrumentalista, eficientista. Algo novo?

Retornando a Dewey, segundo alguns de seus biógrafos ele não apenas viveu o momento histórico da formulação do Pragmatismo / Humanismo, Instrumentalismo, mas,

*** Trata-se de um filósofo *sofista* grego, nascido em Abdera no século V a.C., que pregava "uma espécie de pragmatismo humanista", conforme Japiassu e Marcondes.

em seu campo de atuação, em seu modo de construir o conhecimento biblioteconômico, o qual se segue ainda hoje no Brasil e vários lugares do mundo, pôs em prática, concretamente, todos estes princípios.

Na medida em que seu modelo de organização bibliotecária e escolar difundiu-se pelo mundo e na medida em que Liberalismo, Pragmatismo / Humanismo e Instrumentalismo, se fundam no mais elementar Empirismo, segundo o qual a única fonte de conhecimento humano é a experiência, o Racionalismo bibliotecário Deweyano, que também existe, não se elabora como fonte de conhecimento do mundo mas é usado pragmaticamente (portanto Dewey também era um humanista desta espécie) enquanto base de uma lógica de validade universal. Essa via pragmática evita o aparecimento de uma contradição filosófica entre o racional e o empírico em Dewey, na medida em que está mediada pelas duas visões Deweyanas: a primeira de um Empírico enquanto fonte de conhecimento e a segunda de um Racional enquanto processo de Organização.

Desta origem é que se tem no Código de Ética Profissional do Bibliotecário brasileiro a formulação da profissão bibliotecária como de feição ou aparência liberal e humanista. Esta formulação, inscrita como uma regra moral, obriga os bibliotecários a preservá-la como tal, reforçando, por conseguinte, a dependência ideológica, pragmática e instrumental do modelo de biblioteconomia dos Estados Unidos, mas não necessariamente ao modelo de humanismo bibliotecário que lá se pratica.

Que questões podem ou devem ser postas, então, a partir de agora? Quando os formandos em biblioteconomia no Brasil recitam o seu juramento eles sabem exatamente o que afirmam? Todos os bibliotecários brasileiros sabem precisamente que humanismo é o humanismo que preservam? Quais bibliotecários brasileiros se comprometem com algum outro humanismo que vai além do meramente pragmatista, utilitarista, instrumentalista e efficientista? Por que parecem convergir as recomendações de Santa Catarina, o texto de Butler e os outros textos?

Acredito que a tentativa de compreender o humanismo do bibliotecário brasileiro não deve parar nesta primeira abordagem. As questões que surgiram devem servir de instigação para que outros bibliotecários escrevam sobre o tema. Contudo, em outros momentos, pretendo voltar a elas.

Penso que se pode ter em Butler e Mukherjee perguntadores e afirmadores fundamentais para se estudar mais amplamente o humanismo do bibliotecário brasileiro, pois suas abordagens são fertilizadoras de um pensamento sobre esta temática. Num é noutro aparece pragmaticamente a preocupação, pois ambos expõem-se a partir deste mesmo humanismo. Fazendo isso, afirmam o sentido pragmático da atuação do bibliotecário, ressaltam que este em geral fixa-se nos procedimentos do trabalho em vez de perceberem a função social que cumprem. Dizem que para fixar-se na função é necessário ao bibliotecário que se dedique também à reflexão. Em Mukherjee a reflexão é afirmada como o caminho para que se defina uma Filosofia da Biblioteconomia.

Para concluir, penso que o bibliotecário brasileiro formado nos atuais Cursos de Bacharelado em Biblioteconomia não recebe uma formação humanística que lhe prepare convenientemente para ser um bibliotecário humanista. Se ele o faz, isto foi adquirido para além do currículo da escola. Sendo verdadeira esta afirmação, a profissão está sendo exercida majoritariamente por técnicos eficientistas, instrumentalistas, com pleno domínio do conhecimento que Butler via como o possível conhecimento científico da Biblioteconomia. Mas, com certeza, não se tem um grande número de bibliotecários com aquela habilidade humanista derivada da formação humanística. Não existe, portanto, um grande número de bibliotecários no Brasil com aquele outro conhecimento que desde 1933 Butler teve receio de explorar, como ciência, em seu livro.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. *Resolução CFB 327/86*. [S.l.]: Conselho Regional de Biblioteconomia - 1ª Região, [s.d.]. 1 folder.
- BUTLER, Pierce. *Introducción a la biblioteconomia*. México: Pax-México, 1971.
- BYBERG, Lis. Public library development in Norway in the early twentieth century: american influences and state action. *Libraries and Culture*, v. 28, n. 1, p. 22-34, 1993.
- CHENG, Huan Wen. The impact of american librarianship on chinese librarianship in modern times (1840-1949). *Libraries & Culture*, v. 26, n. 2, p. 372-387, 1991.
- FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. São Paulo: Pioneira, 1992.
- HESSEN, Jahannes. *Teoria do conhecimento*. Coimbra: Armênio Amado, 1987. (Coleção Studium, 67)
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- KRAMER, Garnetta (Comp.) *Notas bibliotecológicas*. México: Pax-México, 1972.
- LINCOVE, David A. Activists for internationalism: ALA responds to World War II and British requests for aid, 1939-1941. *Libraries & Culture*, v. 26, n. 3, p. 487-510, 1991.
- MIKSA, Francis L. Melvil Dewey: the professional educator and his heirs. *Library Trends*, v. 34, n. 3, p. 359-379, 1986.
- _____. The Columbia School of Library Economy, 1887-1888. *Libraries & Culture*, v. 23, n. 3, p. 249-280, 1988.
- MUKHERJEE, A. K. *Filosofia da biblioteconomia*. Teresina: Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí, 1985.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- RELATÓRIO geral do 14º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina. *Revista ACB - Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 91-106, 1996.